



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

PRISCILA GOMES DE OLIVEIRA

**TRANSEXUALIDADE E IDENTIFICAÇÃO:
O CIRCUITO DO LUTO NA ESTRUTURA FAMILIAR**

Campina Grande – PB

2018

PRISCILA GOMES DE OLIVEIRA

TRANSEXUALIDADE E IDENTIFICAÇÃO:

O CIRCUITO DO LUTO NA ESTRUTURA FAMILIAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Felipe Paiva Fernandes

Campina Grande – PB

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza Brasileiro
Silva", CCBS - UFCG**

O4821

Oliveira, Priscila Gomes de.

Transexualidade e identificação: o circuito do luto na estrutura familiar/ Priscila
Gomes de Oliveira. – Campina Grande, PB: O autor, 2018.

23 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Francisco Felipe Paiva Fernandes, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade
Federal de Campina Grande, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Transexualidade. 2.Família. Melancolia. 3.Luto. 4.Psicologia. I. Fernandes,
Francisco Felipe Paiva. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9:39 (813.3)

TERMO DE APROVAÇÃO

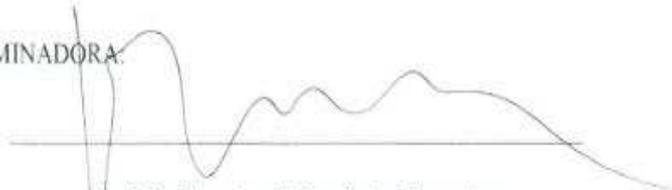
PRISCILA GOMES DE OLIVEIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB.

APROVADO EM: 13/06/2018

BANCA EXAMINADORA:



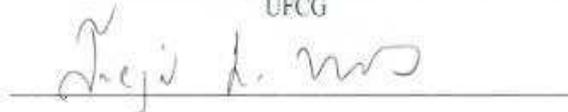
Prof. Dr. Francisco Felipe Paiva Fernandes

Orientador – Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-
UFCG



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-
UFCG



Prof. Dr. Tiago Iwasawa Neves

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-
UFCG

Campina Grande – PB

2018

Você nasce e morre dentro de caixas. Caixa da família, da escola, do casamento e depois vai para o caixão. Ponha o pé para fora disso e você já estigmatizado. Tem que ter muita estrutura pra segurar a peteca da marginalidade.

João Nery, 2011

Todos nós sabemos que a arte não é a verdade. A arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade. Pelo menos aquela verdade que nós, como homens, somos capazes de compreender.

Picasso

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me segurar em minhas tormentas.

Ao meu pai, **Valdenei Seixas de Oliveira**, por ser meu porto seguro, meu lugar, minha referência. Por ter me proporcionado, mesmo sem saber, o insight que originou o tema do presente trabalho, em um dos poucos momentos que desfrutamos frente à televisão.

À minha mãe, **Cirene Alívia Gomes de Oliveira**, por ser a minha força e o meu refúgio. Sinônimo de dedicação e amor incondicional. Obrigada mãe por cada ensinamento em toda a minha vida escolar e acadêmica.

À minha irmã, **Larissa Gomes de Oliveira**, por me ensinar a leveza da vida. Pelos momentos de descontração, afeto, carinho e, até mesmo, pelas brigas. Amo você!

Ao meu irmão, **João Vitor Seixas Gomes**, por ser a luz da minha vida. Obrigada por habitar meus pensamentos como uma bússola norteadora dos meus sonhos, desejos e anseios.

Aos meus avós maternos, **Ananilia Olimpio de Souza** e **Edézio José Gomes**, meus segundos pais. Meus vinhos!

Aos meus avós paternos, **Valdeir Rosa de Oliveira** e **Vilovaldo Seixas de Oliveira**, pelo carinho e afago.

Aos meus amigos, Tiaraju Smaneoto, Talita Miranda, Alana Andrade, Franciele Seixas, Raoni Smaneoto, Vinícius Seixas, Alice Pereira, Jéssica Daniele Moreira, Guilherme Vasconcelos, Dandara Virgínia, Hannah Carla Bezerra, Renan Silva, Jullyany Marques, Larissa Guerra, Patrício, Lorrane Firmino, Vinícius Lima e Jussara Costa por trilharem comigo essa caminhada, aguentando os altos e baixos da minha vida.

À toda a minha família, tios, tias, primos e primas.

À comunidade **LGBTs**, em especial, a todos os/as transexuais.

Aos integrantes do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana – **LAPSO**.

Por fim, aos mestres e doutores com carinho:

À **Tiago Iwasawa Neves** pela confiança, o encorajamento e as palavras amigas desde o primeiro dia de aula.

À **Edmundo de Oliveira Gaudêncio** pelos ensinamentos, atenção e amizade.

À **Eduardo Henrique Araújo de Gusmão** pelos inúmeros textos, os desafios e os dedos de prosa.

À **Lilian Kelly de Sousa Galvão** pela compreensão e preocupação constante com os estudantes.

À **Betânia Maria Oliveira Amorin** por cada elogio, cada momento de descontração e de conforto.

À **Gabriella Vale Dupim da Silva** pelas palavras necessárias de orientação pessoal e profissional, pela confiança e atenção.

E, ao grande **Francisco Felipe Paiva Fernandes**, por sua entrega sem medidas à arte da docência. Pela compreensão, orientação e amizade ao longo dos cinco anos de curso. Pelo carinho e dedicação. Por, muitas vezes, traduzir minhas angústias em palavras. Por toda a paciência com minhas inseguranças e, acima de tudo, por acreditar.

Obrigada!

RESUMO

A transexualidade é uma questão política. Tema recorrente nos debates de saúde, as questões trans têm movido os profissionais dos saberes Psi's em busca de práticas clínicas capazes de apaziguar o sofrimento desses sujeitos. Entretanto, nota-se que a família do transexual possui ainda pouca visibilidade nos estudos acadêmicos, bem como nos estudos *Queer*. Considerando que a família é uma das instituições discursivas que fundam os corpos e que a violência e as agressões direcionadas aos corpos transexuais partem, muitas vezes, de membros da família, o presente trabalho discute o processo de elaboração da transexualidade por parte da família de pessoas consideradas transexuais. Para tanto, realizou-se uma pesquisa no Banco de Teses CAPES e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a leitura criteriosa das obras *Sobre a morte e o morrer* (2017), de Kubler-Ross, *Luto e melancolia* (2010a), de Freud, *Trans-identidade* (2017), de Interdonato, *Mecanismos psíquicos del poder* (2001), de Butler, *A reinvenção do corpo – sexualidade e gênero na experiência transexual* (2014a), de Bento, bem como a análise da obra *A força do querer* (2017), novela escrita por Glória Perez. Os resultados revelaram que (1) a personagem transexual – Ivana – passa por um momento de conflito com sua imagem corporal; (2) através da superação da identificação melancólica, Ivana consegue se reconhecer no corpo social, ainda que enquanto corpo desviante; (3) a superação da experiência melancólica provoca o início do ritual de luto na família; e (4) o atravessamento do luto evidencia-se como crucial à significação da perda do objeto de amor familiar. Por fim, espera-se que o presente trabalho possibilite novas pesquisas e intervenções na área, a fim de contribuir para a criação de um *corpus* de conhecimentos capaz de subsidiar e ampliar a visibilidade e a discussão teórico-prática sobre a experiência transexual e suas relações afetivas, políticas e sociais.

Descritores: Transexualidade. Família. Melancolia. Luto. Psicologia.

ABSTRACT

Transsexuality is a political issue. A recurring theme in health debates, trans issues have motivated Psi's practitioners to look for clinical practices capable of appeasing their suffering. However, it is noted that the transsexual family still has little access to academic studies, as well as to Queer studies. Considering that the family is one of the discursive institutions that found the bodies and that the violence and aggression directed to the transsexual bodies often come from family members, the present work discusses the process of elaboration of transsexuality by the family of people considered transsexuals. In order to do so, a research was carried out in the CAPES Theses database and the Virtual Health Library (VHL), a careful reading of Kubler-Ross's works *Sobre a morte e o morrer* (2017), *Luto e Melancolia* (2010a), of Freud, *Trans-identidade* (2017), of Interdonato, *Mecanismos psíquicos del poder* (2001), of Butler, *A reinvenção do corpo – sexualidade e gênero na experiência transexual* (2014a), of Berenice Bento, as well as the analysis of the work *A força do querer* (2017), novel written by Glória Perez. The results revealed that (1) the transsexual character - Ivana - goes through a moment of conflict with her own body image; (2) through the overcoming of melancholic identification, Ivana can recognize herself in the social body, albeit as a deviant body; (3) the overcoming of the melancholic experience triggers the beginning of the family grieving; and (4) the crossing of mourning is seen as crucial to the significance of the loss of the object of family love. Finally, it is expected that the present work will enable new research and interventions in the field, in order to contribute to the creation of a corpus of knowledge capable of subsidizing and increasing the visibility and the theoretical-practical discussion about the transsexual experience and its affective, political and social relationships.

Keywords: Transsexuality. Family. Melancholy. Mourning. Psychology.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2. MÉTODO..... | 14 |
| 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 15 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 20 |
| REFERÊNCIAS..... | 21 |

1 INTRODUÇÃO

A concepção do filho, seja real ou imaginária, promove transformações significativas na dinâmica familiar. “Envolta em um clima de euforia e fantasia com a espera do filho, a família projeta no novo membro todos os seus sonhos, ideais, faltas e vivências anteriores” (MARQUES, 1995, p. 121). Desse modo, a criança nasce inserida em uma complexa rede de desejos e expectativas para seu futuro.

Ao que concerne à identidade de gênero, “a declaração ‘é uma menina!’ ou ‘é um menino!’ instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção” (LOURO, 2016, p. 15). Assim, a revelação evoca um conjunto de expectativas e suposições em torno de um corpo que ainda é uma promessa (PRECIADO, 2002). Segundo Bento (2014a), a estratégia discursiva posta em ação para produzir essa inteligibilidade está na reiteração institucional de que somos efeitos daquilo que nossos corpos determinam. Dessa forma, a materialidade do corpo só adquire vida inteligível quando se anuncia o sexo do feto (BENTO, 2014a).

Todavia, o estudioso afirma a existência de corpos que escapam ao processo de produção binária e heteronormativa¹ (mulher/feminino e homem/masculino). Corpos, estes, que não se conformam, nunca, completamente, com as normas pelas quais sua materialização é imposta (BUTLER, 2001). Esses corpos “desviantes” afetam, assim, “não só seus próprios destinos, mas certezas, cânones e convenções culturais” (LOURO, 2016, p. 24). Além disso, produzem a queda das idealizações familiares e, por conseguinte, a impossibilidade de realizar os sonhos, desejos e fantasias imaginados. Esse processo caracteriza-se como um grande golpe para a autoestima da família, geralmente acompanhado do sentimento de culpa, capaz de alterar o projeto de vida do casal.

Abordar o tema da identidade de gênero, envolvendo gays, lésbicas, travestis e, principalmente, transexuais “é discutir como a cultura ocidental tem construído categorias como corpo/sexo/sexualidade” (SANTOS, 2011). Conforme Castel (2001, p. 77 *apud* ARÁN, 2006, p. 77), a transexualidade caracteriza-se pelo sentimento intenso de não-pertencimento ao sexo anatômico, sem a manifestação de distúrbios delirantes e sem bases orgânicas (como o hermafroditismo ou qualquer outra anomalia endócrina). Para Bento (2014a), a experiência transexual é uma forma de atualizar, nas práticas de gênero, interpretações sobre o masculino e o feminino.

¹ Heteronormatividade é um conceito desenvolvido pela Teoria *Queer*. Este postulado se refere, sobretudo, a uma análise de discursos que presumem como naturais e normais à heterossexualidade. Ver Fernandes (2015).

Ao longo da história, o transexual foi referenciado enquanto sujeito desviante da heteronormatividade, baseada no biopoder², imposto pelos saberes médico e jurídico. Conseqüentemente, a transexualidade foi posta no campo das minorias, tornando-se alvo de “preconceitos, exclusão, ameaças, agressões e violências das mais variadas formas, culminando não muito raro em homicídio” (NETO; VIEIRA, 2013, p. 1). Essa parcela populacional é uma preocupação constante às Políticas Públicas em Saúde e aos profissionais dos saberes Psi’s (Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise).

Segundo Interdonato (2017, p. 88), o Brasil é signatário dos Princípios de Yogyakarta, que estabelecem a aplicação da legislação internacional de Direitos Humanos no que concerne à orientação sexual e à identidade de gênero. No entanto, o que se verifica, histórica e temporalmente, é o crescente índice de violência direcionada à população LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais), tanto no âmbito público quanto no âmbito privado.

Entretanto, os dados, de 2016, do GGB (Grupo Gay da Bahia)³ evidenciam que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Em 2016, 343 LGBTs foram assassinados. Entre 1970 e 2016, o GGB contabilizou 6.882 mortes de LGBTs em todo país. Além disso, a expectativa de vida deles é de 35 anos, menos da metade da média nacional, que é de 75 anos. Para o autor do relatório GGB 2016, Eduardo Michels, tais números representam apenas a ponta de um *iceberg* de violência e sangue, já que o banco de dados do GGB é construído de maneira informal, a partir de notícias de jornal e *internet*.

De acordo com Silva (2011), muitas famílias encontram dificuldade na aceitação da transexualidade. Alguns fatores como religiosidade, moral e a própria falta de conhecimento sobre o assunto podem acarretar na ruptura dessas famílias com o sujeito transexual. Excluídos da instituição familiar, os transexuais são marginalizados também em outros contextos sociais, como a escola, os serviços de saúde e o mercado de trabalho, visto que “as referidas instituições acabam por tornarem-se reguladoras, não apenas das identidades, mas inclusive das relações afetivo-sexuais dos indivíduos” (INTERDONATO, 2017, p. 22). Dessa forma, segundo Louro (2016, p. 90-91):

os custos cobrados desses sujeitos são altos. São lhes impostos custos morais, políticos, materiais, sociais, econômicos, mesmo que, hoje, a desobediência a essa ordem e o desvio dela sejam mais visíveis e até mesmo mais “suportados” do que em outros momentos. Custos que vão além do seu não reconhecimento cultural.

² Em *História da sexualidade*, Foucault estabelece o biopoder enquanto um conjunto de dispositivos de intervenção sobre processos vitais, em especial, a sexualidade, constituindo-se em uma anátomo-política do corpo e em uma biopolítica da população. Ver Foucault (2011).

³ O GGB (Grupo Gay da Bahia) é uma organização não governamental (ONG), fundada em 1980, voltada para a defesa dos direitos LGBT no Brasil.

Consequentemente, “as pessoas com identidades transgênero tornam-se ‘não-visíveis’ na experiência e vivência societária, escapando à norma social e sendo, portanto, renegadas a uma subsistência oculta e vitimadas pelo preconceito imposto pela heteronormatividade” (SILVA et al, 2016, p. 2). A descoberta da experiência transexual de um/a filho/a é, portanto, um “momento de crise” que, segundo Andrade (2015), exige uma reorganização intrapsíquica, pois o sujeito é submetido a um conjunto de alterações significativas no seu equilíbrio biológico, psicológico e social que afetam a dinâmica familiar.

Quando se perde o filho idealizado, surge a dor, a angústia, o desespero, o medo, a tristeza: o luto. “O filho está lá! É outro, completamente diferente do que foi desejado, mas está lá” (ALVES, 2012, p. 91). A base comum de todas essas experiências de perda está na valorização afetiva que, consciente ou inconscientemente, é atribuída ao objeto perdido (ANDRADE, 2015).

Nesse sentido, estudar a família e sua relação com a transexualidade é um desafio necessário e urgente, em especial, as práticas Psi’s voltadas à especificidade do contexto brasileiro, visto que a queda das idealizações impostas ao filho(a) traz para a família uma série de agravos psíquicos, como sensação de impotência, culpa e agressividade.

Acredita-se, portanto, que famílias com filhos transexuais vivenciam processos de luto. Diante dessa problemática, o presente Trabalho de Conclusão de Curso objetiva verificar a existência de correlação entre a teoria do luto, de Freud e Kubler-Ross, e a elaboração da perda na transexualidade por parte dos familiares, a partir da perspectiva apresentada pela personagem Ivana Garcia, da novela *A força do querer*, escrita por Glória Perez, em 2017.

Além disso, pressupõe-se que a Psicologia e a Psicanálise oferecem um escopo epistemológico e ferramentas práticas capazes de promover uma transformação nos processos clínicos relacionados à experiência transexual, tanto a nível do sujeito quanto a nível familiar e social, visto que a elaboração do luto objetiva essencialmente a ressignificação do processo de perda e a invenção de possibilidades criativas de lidar com o que não podemos modificar.

Foram encontradas literaturas relacionadas ao tema proposto (ASHLAN et al, 2005; EMERSON; ROSENFELD, 1996; LEV, 2004), porém escritas em língua estrangeira, voltadas à realidade de outros países, limitando, portanto, a sua validação no cenário brasileiro, visto que os conceitos de família, gênero e sexualidade são cambiáveis entre as diversas culturas, mas, no solo brasileiro, há barreiras, devido a muitos tabus. Além disso, no âmbito brasileiro, as escassas publicações encontradas referem-se a teses e artigos vinculados ao Direito, à Medicina e à Psicologia, voltados, em sua maioria, ao sujeito transexual.

Desse modo, a carência de trabalhos nacionais direcionados à família e aos processos de ressignificação da transexualidade pelos seus membros configurou-se tanto um obstáculo quanto um elemento motivador à elaboração deste trabalho, visto que, em sua maioria, os textos encontrados discutiam sobre o casamento ou união civil entre pessoas do mesmo sexo, a redesignação sexual e a alteração do nome para as pessoas trans, o respeito ao nome social utilizado pelas travestis, a adoção conjunta ou individual de filhos por casais homoafetivos, o reconhecimento de direitos previdenciários e patrimoniais decorrentes da homoafetividade, dentre outros (BENTO, 2014b; DANTAS, 2014; FARO; PESSANHA, 2014; GALLI et al, 2013; MELLO et al, 2013; PRÓCHNO; ROCHA, 2011), não adentrando, portanto, ao tema proposto.

Faz-se necessário enfatizar, ainda, que a escolha do termo “transexual” no presente trabalho se deve ao “seu pioneirismo nas questões trans, além de possuir maior difusão e familiaridade no cenário sociocultural, jurídico e psicológico” (INTERDONATO, 2017, p. 41). Porquanto, a escolha desse objeto de estudo possui, ao mesmo tempo, caráter ético e político, pois, considera-se crucial, às práticas Psi’s, direcionar o olhar e a escuta à instituição familiar como via possível de transformação dos afetos envolvidos na experiência transexual, tanto na esfera privada quanto na esfera social, como uma aposta à despatologização da identidade de gênero e à redução dos índices de violência e morte, muitas vezes provocados pela própria família, devido “à falta de conhecimento sobre o assunto, ao heterossexismo, ao medo de intolerância” (INTERDONATO, 2017, p. 39), bem como à falta de aparato simbólico que abarque a queda das idealizações. Enfim, dessa perspectiva, um campo de tratamento pode ser proposto sem mutilar a subjetividade dos transexuais e sem desconsiderar os afetos familiares.

Nesse sentido, considera-se crucial discutir a atuação da Psicologia na conjuntura brasileira, enquanto prática profissional dedicada ao cuidado do outro. Frente ao exposto e à necessária equidade em saúde, questiona-se: Quais as possibilidades de atuação do psicólogo diante da família de um transexual? Quais processos clínicos modificariam a atual situação de marginalização e exclusão da transexualidade no contexto familiar?

A hipótese de correlação entre a teoria do luto e o processo de significação familiar da transexualidade configura-se enquanto ponto de partida para se trabalhar com os familiares e com o próprio sujeito. Dessa forma, o presente artigo apresenta-se como leitura relevante a estudantes, profissionais, pessoas LGBTQs e a pessoas em geral que desejem formar um *corpus* de conhecimentos capaz de subsidiar e ampliar a visibilidade e a discussão teórico-prática sobre a experiência transexual e suas relações afetivas, políticas e sociais.

2 MÉTODO

O rastreamento conceitual pertinente ao objetivo do presente artigo constituiu-se, inicialmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, que buscou compreender a transexualidade e as perspectivas psicológicas no âmbito da família, bem como identificar o lugar da transexualidade nas obras dos principais teóricos *Queer*⁴. Para tanto, realizou-se uma pesquisa no Banco de Teses CAPES e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que concentra informações da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e do Scientific Electronic Library (SciELO), bem como a leitura de obras completas como *Sobre a morte e o morrer* (2017), de Kubler-Ross, *Luto e melancolia* (2010a), de Freud, *Trans-identidade*, de Interdonato (2017), *A vida psíquica do poder* (2001), de Butler, *A reinvenção do corpo – sexualidade e gênero na experiência transexual* (2014a), de Bento.

O rastreio ocorreu a partir dos descritores “transexualidade”, “transgênero”, “família” e “luto”, bem como seus correlatos na língua inglesa. Como critérios de refinamento, foram incluídos: (1) os artigos, dissertações e teses que se relacionavam ao tema proposto, (2) publicados no Brasil e, (3) disponibilizados como texto completo. Além disso, foram excluídos os textos (1) coincidentes, (2) que não se relacionavam com objetivo proposto e (3) não possuíam relevância científica e social.

A análise dos dados contida nos resultados abaixo foi relacionada ao estudo da personagem Ivana Garcia (Carol Duarte) e o seu núcleo familiar, na telenovela *A força do querer* (2017), escrita por Glória Perez e dirigida por Rogério Gomes, transmitida pela emissora de TV Rede Globo. Ao todo, foram analisadas 312 cenas, contidas em 172 capítulos. Acredita-se que o tratamento novelístico “pode deformar ou acentuar alguns traços, mas também torna perceptíveis sistemas de representações, conjuntos de metáforas que de outra maneira seriam menos significantes” (REY, 2012, p. 33). Nesse caso, tem-se, na novela televisiva, o sistema de representação pautado na elaboração da perda por parte da família.

⁴ *Queer* é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. Ver Louro (2016, p. 7-8).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise realizada no presente trabalho enfatiza o núcleo familiar da personagem Ivana. O enredo de Ivana é o de uma jovem que se descobre transexual. Apesar de existirem outras querelas que perpassam a história da personagem, como sua vida amorosa e sua paixão pelo vôlei, o presente trabalho se deterá a discutir as questões relacionadas à identidade de gênero, como os conflitos com a imagem corporal, a falta de identificação e a queda das expectativas familiares e sociais.

A primeira aparição da personagem acontece ainda na infância. Na cena, Ivana e sua mãe (Joyce – representada pela atriz Maria Cândido) passeiam no *shopping*, ambas trajando a mesma roupa, atraindo os olhares de admiração das pessoas. Em seguida, a novela dá um salto temporal e a personagem reaparece adulta. O quadro que se apresenta revela como a personagem se encontra, emocionalmente, em conflito com sua imagem corporal. Na cena, Joyce exige que a filha use vestido e maquiagem para um jantar em família. Ivana tenta se contrapor, mas cede aos caprichos da mãe. Quando a mãe deixa o quarto, ela se olha no espelho e diz: “Não sou eu!” (IVANA, Capítulo 1 – 03 de abril de 2017).

3.1 ESPELHO, ESPELHO MEU, QUEM SOU EU?

No capítulo 5 da novela (dia 7 de abril de 2017), Ivana apresenta o seguinte questionamento: “Você já teve a sensação de se olhar no espelho e sentir que tem uma pessoa dentro de você que não é essa pessoa que o espelho está mostrando?” Muitas cenas da personagem acontecem diante do espelho. Na tentativa de encontrar respostas sobre sua identidade, ela acaba, por diversas vezes, travando conflitos com a imagem refletida pelo objeto, evidenciando a falta de identificação e de reconhecimento do próprio corpo. Essa dificuldade da personagem, em se nomear ou em nomear o seu mal-estar, é retratada em inúmeras cenas, a exemplo: “conflito com meu corpo. Eu não consigo me entender com meu próprio corpo” (IVANA, Capítulo 28 – 04 de maio de 2017).

A falta de capacidade em nomear o mal-estar está intimamente relacionada ao sofrimento, assim como acentua Dunker (2015, p. 117): “o sofrimento excessivamente nomeado, codificado sob formas jurídicas, morais ou clínicas, se distingue do sintoma típico, do sofrimento insuficientemente nomeado que se apresenta como mal-estar difuso (Unbehagen), angústia flutuante”. Para Lacan (1962-1963/2005, p. 60) a angústia “nos faz aparecer como objeto, ao revelar a não-autonomia do sujeito”.

A falta de significação simbólica para nomear o mal-estar atrela-se ao não reconhecimento de si e à problemática da constituição subjetiva durante o que Lacan (1949/1998) chamou estágio do espelho. Na trama, a personagem encontra-se em constante conflito com o outro, com o qual ela não se identifica: “A minha mãe tem uma ideia de filha na cabeça que não sou eu. Quando eu era pequena, ela fez de mim uma miniatura dela” (IVANA, Capítulo 32 – 9 de maio de 2017).

Um encontro contingencial e uma conversa inesperada marcam, no entanto, a identificação de Ivana com um outro, denominado Tereza Brant⁵. A dupla protagonizou uma conversa, esclarecedora para a personagem de Carol Duarte, em cena apresentada no capítulo 100, a qual Ivana se depara pela primeira vez com o tema da transexualidade. As conversas com “Tê” instigam a personagem a procurar maiores informações sobre a questão da identidade de gênero. Ainda nesse capítulo, a personagem esboça, pela primeira vez, um semblante de alívio, após anos de mal-estar, angústia e desencontros com o próprio corpo. Nesse momento, a Ivana se olha no espelho e diz: “Eu entendi!” (IVANA, Capítulo 100 – 27 de julho de 2017).

3.2 EXPERIÊNCIA MELANCÓLICA COMO VIA DE IDENTIFICAÇÃO

A identificação subjetiva de Ivana é constituída do encantamento por Tereza Brant. Segundo Lacan (1954-1955/1985, p. 70), “a fascinação é absolutamente essencial para o fenômeno da constituição do eu. É na qualidade de fascinada que a diversidade descoordenada, incoerente adquire sua unidade”. O processo de reconhecimento transexual é uma maneira de superar a angústia advinda do que Butler (2001) chama identificação melancólica.

A identificação melancólica caracteriza-se como uma constante relutância ou negação aos amores, vínculos e formas de vida que não são reconhecidos socialmente, mas que permanecem causando enorme sofrimento aos sujeitos. Para Butler (2001), a renúncia aos mecanismos de poder constitutivos do assujeitamento é possível pela via de uma “incorporação melancólica”:

poderíamos concluir que si la identificación melancólica permite la pérdida del objeto en el mundo externo es precisamente porque ofrece un modo de preservarlo como parte de *yo* y, por consiguiente, de evitar, que la pérdida sea una pérdida total. Aquí vemos que desligarse del objeto significa, paradójicamente, no su abandono total, sino la transformación de su estatuto externo en interno. (BUTLER, 2001, p. 149)⁶

⁵ Tereza Brant, atualmente conhecido como Tarso Brant, é um modelo e homem transexual, autor do livro *Vidas Trans: a coragem de existir* (2017).

⁶ A experiência melancólica é aqui compreendida como algo capaz de permitir a superação da dependência psíquica do poder. Desse modo, não passa necessariamente pelo reconhecimento de si como transexual, mas da produção da própria transexualidade, possibilitando esse processo de dobra, de atravessamento.

Dessa forma, a inadequação ao binarismo da norma sexo-gênero, que produzia na personagem um mal-estar encontrará, na superação melancólica do gênero (Butler, 2001), uma condição possível de identificação ao corpo social, ainda que enquanto abjeto⁷, sujeito desviante e irreconhecível na heteronormatividade:

Si bien la melancolía parece ser en principio una forma de contención, un modo de internalizar un vínculo que está excluido del mundo, también establece las condiciones psíquicas para ver que ‘el mundo’ se organiza de manera contingente a través de cierto tipo de repudios. (BUTLER, 2001, p. 158)

O que se verifica, após a revelação da transexualidade no seio familiar, é uma modificação, um atravessamento do mal-estar inominável do “não saber quem se é” para o sofrimento nominável do “sei quem sou, porém não me reconhecem”, enquanto um exterior constitutivo de um corpo que não tem lugar: “É estranho isso. Antes era eu que não me reconhecia. Agora eu me reconheço. Parece que ninguém mais me reconhece” (IVANA, Capítulo 130 – 01 de setembro de 2017).

A reação familiar, frente ao exposto, evoca uma similitude ao ritual do luto, assim como é conhecido na cultura ocidental. O luto que acomete a família é produzido pela superação da melancolia de gênero, a partir do momento em que seu filho se reconhece como corpo desviante ao estatuto da norma social. Dessa forma, concluímos que o sofrimento da família é uma expressão produzida pela superação da identificação melancólica da personagem, problema, este, que será abordado no tópico subsequente.

3.3 CIRCUITO DO LUTO NA ESTRUTURA FAMILIAR

No Capítulo 133 da telenovela *A força do querer* (2017), a mãe de Ivana apresenta suas angústias em relação à (não) aceitação de sua condição:

Eu não tive um filho, eu tive uma filha. O quê que eu faço com tudo que eu vivi desde o momento que você nasceu até agora? O que que eu faço com essas fotografias, com o seu passado, com a nossa vida, o quê que eu faço? Como é que eu posso apagar tudo isso e me convencer de que a Ivana nunca existiu? Que o que existe é um menino que eu não pari, que eu não criei, que eu não conheço. [...] É muito difícil! É impossível pra uma mãe apagar um filho da memória. Não morreu, não foi pra longe, simplesmente, nunca existiu. (MÃE DE IVANA, 05 de setembro de 2017)

⁷ A noção de abjeto, da qual Butler tenta dar conta, advém das teorias de Julia Kristeva e caracteriza-se enquanto corpos excluídos do discurso hegemônico que não se restringem somente aos discursos heteronormativos. Relaciona-se a todos os corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante. Ver Pris e Meijer (2002).

O luto é uma reação à superação melancólica que o filho produz ao romper com a dependência psíquica do poder ou, em termos psicanalíticos, ao negar as idealizações e as práticas discursivas que lhe foram impostas antes mesmo do nascimento. A elaboração do luto, que, nesse caso, também é coletiva, é condição imprescindível à vida. Já a negação, como dizia Freud (2010a), em *Luto e melancolia*, faz com que o sujeito se identifique com o objeto de amor perdido. A descoberta da transexualidade de Ivana provoca, portanto, um processo de luto pela perda das expectativas alimentadas durante um longo período da vida (PICCININI et al, 2008).

Você não sabe o que você está dizendo. Você nunca foi um menino. Os médicos, as enfermeiras, eles me trouxeram uma menina. A minha filha! A menina que eu sonhei a vida inteira. Você não é um menino! Você é a minha Ivana! Eu sempre me vi em você, filha! (MÃE DE IVANA, Capítulo 109 – 8 de agosto de 2017)

Essa reação remete à teoria freudiana do narcisismo (2010b), cuja mãe projeta no filho suas idealizações, na tentativa de fazer tamponar a falta. Para Freud (2010b), os filhos representam aos pais o resgate à infância perdida, assim como os sonhos e projetos renunciados. No entanto, o objeto real diverge do objeto imaginado evocando a marca da impossibilidade em responder aos anseios paternos. A família, portanto, sente a perda do filho idealizado, fazendo surgir o filho da realidade. Em consequência, Freud (2010a) nos alertara para a necessidade de passarmos pelo ritual do luto, encarando os seus traumas e o seu vazio substancial como oportunidades que não devem ser perdidas. Kubler-Ross (2017), em *Sobre a morte e o morrer*, identifica cinco estágios pelos quais as pessoas podem ou não passar durante um ritual de luto. Esses mesmos estágios foram identificados nas reações dos familiares de Ivana, ao se depararem com a condição da personagem.

O estágio da negação “funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes” (KUBLER-ROSS, 2017, p. 45). Na trama, foi identificado diversas vezes nas falas familiares, em especial, na fala da mãe:

É um homem! Um homem que eu não conheço. Eu não pari! Eu não vi crescer! [...] Eu não consigo. Eu não sei conviver com isso. Não é mais nossa filha. Você olha e não enxerga Ivana. [...] Eu quero a minha filha de volta. (MÃE, Capítulo 130 – 01 de setembro de 2017)

Quando não é mais possível sustentar esse primeiro estágio de negação, “ele é substituído por sentimentos de raiva, de inveja e de ressentimento” (KUBLER-ROSS, 2017, p. 55), constatado na fala do irmão (Ruy, representado pelo ator Felipe Fiuk): “Eu não tenho nenhum irmão. Eu não joguei bola com essa pessoa. Eu não andei de skate com essa pessoa. Eu

não tenho a menor ideia de quem é essa pessoa. Eu conheço a Ivana” (IRMÃO, Capítulo 130 – 01 de setembro de 2017).

O terceiro estágio, barganha, “é uma tentativa de adiamento, inclui um prêmio oferecido, estabelece uma meta” (KUBLER-ROSS, 2017, p. 89). Esse estágio aparece na trama quando Ivana sai de casa e Joyce exige que Eugênio (Pai, encenado por Dan Stulbach) não contribua financeiramente com a filha, em uma tentativa desesperada de fazê-la retornar para casa e “esquecer essa história maluca de mutilação” (MÃE, Capítulo 134 – 06 de setembro de 2017):

Eu não vou contribuir em nada pra você ficar injetando essas drogas, Ivana. Eu não vou financiar a mutilação da minha filha. [...] Ela não está em casa porque não quer. Ninguém mandou ela embora daqui. [...] Nós temos que ser firmes, agora. É cortar essa mesada, que ela volta pra casa. (MÃE, Capítulo 133/134 – 05 e 06 de setembro de 2017)

Após o corte da ajuda financeira dos pais, Ivana se depara com a dificuldade em conseguir adentrar o mercado de trabalho em decorrência da discrepância entre sua aparência e o nome registrado em seus documentos. Essa problemática impulsiona a personagem a adotar o nome social, Ivan. Além disso, evidencia a exclusão da transexualidade do campo social, relegando-os à marginalização.

Em virtude de uma causalidade Ivan retorna à casa de sua família, dando entrada ao estágio que Kubler-Ross (2017) classifica como depressão, o qual se caracteriza como um instrumento na preparação da perda de todos os objetos amados – para facilitar o estado de aceitação. Durante esse estágio, os membros da família se dão conta de que a transição é real e permanente. O retorno do, agora, Ivan à casa dos pais é o marco no processo de aceitação familiar da nova condição subjetiva do filho.

Após sofrer violência física por sua condição transexual, Ivan finalmente consegue promover uma mudança de pensamento na família. Por fim, “é como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento” (KUBLER-ROSS, 2017, p. 118) de aceitação:

A transformação dela é definitiva. Nós temos que realizar isso. A cirurgia vai acontecer, com ou sem a nossa aprovação, então é melhor que aconteça com a gente do lado. [...] Vamos deixar que ela seja feliz, com o projeto de felicidade dela. Não é isso que a gente sempre quis pra os nossos filhos, que eles fossem felizes? (PAI, Capítulo 169 – 17 de outubro de 2017)

A aceitação marca o momento em que a família percebe a mudança, reconhece a perda e acolhe, a sua maneira, o novo membro. Segundo Freud (2011), a elaboração do luto não elimina o investimento realizado em torno do objeto de amor perdido, mas provoca um redirecionamento do investimento a outros objetos e, por mais que seja totalmente preenchido, alguma coisa permanecerá. Para ele (2011), essa é a via de elaboração da perda e também a única maneira de perpetuar aquele amor que não se deseja abandonar. Nesse sentido, vale ressaltar que nem todos os membros familiares vivenciam os estágios simultaneamente ou passam por todos os estágios descritos.

Em uma cena emblemática para o desfecho do enredo, Joyce aparece, substituindo a foto da filha, no porta-retrato, pela foto do filho – Ivan – e diz: “É difícil se despedir. Eu estou me despedindo da Ivana” (MÃE, Capítulo 171 – 19 de outubro de 2017).

Esse processo de luto nas reações familiares diante da transexualidade possibilita a elaboração da transição de seus entes, bem como o reconhecimento da mudança na constituição familiar. Além disso, verifica-se que o apoio familiar caracteriza-se um fator crucial ao processo de transformação e identificação na transexualidade. Ao final da obra, Ivan atinge o ápice de sua transição ao realizar a cirurgia de redesignação sexual, agora com o seu reconhecimento diante do espelho, da família e dos amigos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transexualidade é tema constante nos debates de saúde no Brasil, em especial devido ao alto índice de homicídio de pessoas trans, bem como, à crescente onda de violência direcionada a essa parcela da população. Abordar o tema da identidade de gênero, envolvendo gays, lésbicas, travestis e, principalmente, transexuais, ultrapassa o âmbito individual, tornando-se, portanto, uma questão sócio-política.

Nesse cenário, a família representa as diversas instituições discursivas que fundam os corpos. Ao que concerne à transexualidade, temos que a queda das idealizações impostas ao filho(a) traz para a família uma série de agravos psíquicos, como sensação de impotência, culpa e agressividade. Dessa forma, o ritual de luto configura-se uma via possível ao verdadeiro ato revolucionário, que transforma os parâmetros e o nosso posicionamento no mundo. Para isso, apostamos que os saberes Psi's sejam capazes de reinventar e reconstruir práticas, estratégias e procedimentos voltados aos sujeitos envolvidos, através da elaboração do luto e da resignificação dessa perda, revelando-se uma práxis crucial na tarefa terapêutica de facilitar o processo necessário de enlutamento.

A partir do diagnóstico sobre o modo de sofrimento familiar na transexualidade – sofrimento pelas “perdas não choráveis” (BUTLER, 2001, p. 151) e a busca etiológica desse sofrimento – discrepância entre o filho real e o filho idealizado, temos o primeiro passo de uma terapêutica clínica pautada na responsabilidade e na ética do sujeito.

Destarte, apesar do presente trabalho basear-se em uma obra fictícia, o tema proposto apresenta oportunidades singulares para que outros estudiosos possam realizar pesquisas mais aprofundadas e de caráter empírico que comprovem as questões supracitadas voltadas à realidade política e social do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elaine G. dos Reis. *A morte do filho idealizado*. São Paulo: O mundo da saúde, 2012.

ANDRADE, Fernanda M. R. Ramos. *O luto do filho idealizado: pais de crianças com síndrome de Down*. Portugal: ISPA, 2015.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, vol. 9, nº. 1. Rio de Janeiro, 2006.

ASLIHAN Polat et al. Family attitudes toward transgendered People in turkey: experience from a Secular islamic country INT’L. J. In: *Psychiatry in medicine*, vol. 35(4), 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014a.

_____. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. In: *Contemporânea*, v. 4, nº 1, Jan.–Jun. 2014b.

_____. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos* Salvador: EDUFBA, 2017.

BUTLER Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017a.

_____. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução Rogério Bettoni. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

_____. *Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre a sujeción*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

DANTAS, Bruna A. de Oliveira. *Adoção por casais homoafetivos* [manuscrito], 2014.

DUNKER, Christian I, Lenz. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.

EMERSON, Shirley; ROSENFELD, Carole. Stages of adjustment in family members of transgender individuals. In: *Journal of Family Psychotherapy*, 7, 1-12, 1996.

FARO, Julio Pinheiro; PESSANHA, Jackeline Fraga. O casamento civil homoafetivo e sua regulamentação no Brasil. In: *Revista de Bioética y Derecho*, nº 32, septiembre 2014.

FERNANDES, Francisco F. Paiva. A melancolia e a formação de gênero: esboço de uma nova categoria analítica sobre os processos psicossociais da sexualidade. In: *Escrit@s sobre gênero e sexualidades*. SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). São Paulo: Scortecci, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade vol. 1: a vontade de saber*. São Paulo: Vozes, 2011.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. Introdução ao narcisismo. In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

_____. O eu e o id. In: *Obras completas, vol. 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GALLI, Rafael Alves et al. Corpos mutantes, mulheres Intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*, vol. 29, nº 4, Out-Dez 2013.

INTERDONATO, Gianni Lucca. *Trans-identidade: a transexualidade e o ordenamento jurídico*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. Tradução de Paulo Menezes. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LACAN, Jacques. Introdução do grande outro. In: *O SEMINÁRIO — Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

_____. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In: LACAN, J. *Escritos*, pp. 96 – 103. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *A angústia*. Livro 10. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LEV, Arlene Istar. *Transgender emergence: Therapeutic guidelines for working with gender-variant people and their families*. Binghamton, NY: Haworth Clinical Practice Press, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MARQUES, Luciana Pacheco. O filho sonhado e o filho real. In: *Revista Brasileira de Educação Especial* 3. Piracicaba, 1995.

MELLO, Luiz et al. Políticas públicas de trabalho, assistência social e previdência social para a população LGBT no Brasil: sobre desejos, realizações e impasses. In: *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 44, nº 1, jan/jun, 2013.

NETO, Mário de Oliveira e VIEIRA, Maressa de Freitas. Transexualidade e preconceito: as implicações do psicólogo. In: *2ª Jornada Científica e Tecnológica da FATEC de Botucatu*. São Paulo, 2013.

PICCININI, Cesar Augusto et al. O bebê imaginário e as expectativas quanto ao futuro do filho em gestantes adolescentes e adultas. In: *Interações*. São Paulo, v. 8, n. 16, dez. 2003.

PICCININI, Cesar Augusto et al. S. Gestação e a constituição da maternidade. In: *Psicologia em Estudo*, 13, 1 Maringá, 2008.

PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual*, Madrid, Opera Prima, 2002.

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: *Revista Estudos Feministas*. Vol. 10, nº 1, Florianópolis, janeiro de 2002.

PRÓCHNO, Caio. C. S. Camargo e ROCHA, Rita. M. Godoy. O jogo do nome nas subjetividades travestis. In: *Psicologia & Sociedade*. Uberlândia, 2011.

REY, Roselyne. *História da dor*. São Paulo: Escuta, 2012.

SANTOS, M. F. L; ARÁN, M. *A construção do dispositivo da transexualidade: saberes, tessituras e singularidades nas vivências trans*, 2011. Disponível em: <<http://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/a-construc3a7c3a3o-do-dispositivo-da-transexualidade-saberes-tessituras-e-singularidades-nas-vivc3aancias-trans1.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

SILVA, Sofia V. de Moraes. *Transexualidade e discriminação no mercado de trabalho*. João Pessoa-PB, out, 2011. Disponível em: Disponível em: <

<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/transexualidade-ediscrimina%C3%A7%C3%A3o-no-mercado-de-trabalho> >. Acesso em: 19 set. 2017.

SILVA, Glauber W. dos Santos et al. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do Nordeste brasileiro. In: *Revista Gaúcha Enfermagem*, jun. 2016.